## CHRISTO CRUCIFICADO

(Alto relevo de marmore na basilica de Mafra) — Desenho de Nogueira da Silva — Gravura de Pedroso

Quando tu, Senhor, lançaste os olhos torvados do alto dos céos, para condemnares os homens orgulhosos, os sabios que renegavam da origem de toda a sciencia, tinham elles passado, e não lhes achaste outro vestigio senão o grande silencio das suas campas.

E a nós, que lhes succedemos, viste-nos de joelhos á roda da tua Cruz.

A arvore da sabedoria havia bracejado mais robustos troncos, mais virentes ramagens; e foi-nos provado, então, que ella nascêra no Calvario.

Hoje, Senhor, a historia humana vem confirmar todos os dias a tua historia divina. A philosophia actual ergue sobre as ruinas dos systemas passados o lábaro da tua philosophia.

As nações que vês agitarem-se e rugirem dolorosamente em luctas civis, não fazem senão preparar-se para poderem escrever nas taboas de bronze das suas leis, duas palavras que resumem todo o Evangelho — a liberdade e a fraternidade.

A. HERCULANO

## O CRUX, AVÈ!

É chegado o tempo dos mysterios, a *Hebdomas Magna*, a Semana do Calvario.

Calae-vos, interesses do mundo. Avè, Cruz do Redemptor!

Havia quatro mil annos que a justiça do Eterno esperava junto de ti o resgate do genero humano; e o resgate chegou com o escolhido de Deus, com o manso que venceu os fortes, o simples que atterrou os sabios, o pobre que abateu os soberbos. Avè, Cruz!

Chegou o vaticinado pelos prophetas, o Messias promettido, o suspirado das nações; e tu vistel-o, vergando sob o teu peso, caminhar tranquillo para a montanha do Golgotha. Avè, Cruz.

Chegou o escandalo para a Judéa, a loucura para os gentios, a força e a gloria de Deus para os christãos. Chegou o descendente de David, o Rei annunciado, e Rei o ouviste proclamar entre o apupar das turbas — *Hic est Jesus Nazarenus Rex*. Avè Cruz!

Chegou o filho do Homem, o Deus mandado pelo Senhor, o Rei pobre, o Rei pacifico, o Salvador do mundo; e tu vistel-o expirar á hora de nôa, implorando o Eterno Pai pelos seus algozes — *Pater, dimitte illis*. Avè, Avè, Cruz!

Expirou. Era Elle. *Verè Filius Dei erat iste*.

Cumpriram-se os vaticinios. O véo do templo rasgou-se, os rochedos estalaram, as sepulturas abriram-se, as trevas cobriram a face do universo; e tu, no meio de tantos prodigios, ficaste symbolisando a redempção dos homens. Avè, Cruz!

Ficaste; e por isso do monte da ignominia, onde te erguias como patibulo de infamia, subiste, já brazão de gloria, para os altares do sacrificio, para as fachadas dos templos, para os estandartes das nações, para as armas das cidades, para os escudos dos guerreiros, para as coroas dos reis e dos imperadores. Avè, Cruz!

Ficaste; e por isso os povos se curvam ás tuas plantas, por isso os afflictos te abraçam esperançosos, por isso és throno de graça e misericordia, por isso te radicaste na terra, e és hoje adorada por duzentos e cincoenta milhões de creaturas. Avè, Cruz!

Avè! Madeiro Sacrosanto, gloria do Libano, penhor de reconciliação, unica esperança das gentes. Avè!

A. X. RODRIGUES CORDEIRO

*

O magestoso alto relevo, que hoje reproduzimos pela gravura, fórma o retabulo do altar da primeira capella do corpo da egreja de Mafra, do lado do evangelho, consagrado a Jesus Christo Crucificado.

É um dos vinte e quatro altos e baixos relevos de marmore, que para aquelle sumptuoso templo esculpiram Alexandre Giusti, italiano, e seus discipulos Pedro Antonio Luques, Francisco Alves Canada, José de Almeida, Francisco Leal Garcia, Braz Toscano de Mello, Roberto Luiz da Silva e outros de que esperâmos dar noticia, durante a publicação das suas obras, as quaes, pela photographia, contâmos poder divulgar com toda a exacção.

Melhor não nos era dado commemorar a semana da Paixão do Redemptor, n'estas paginas, do que expondo tão edificante painel, com as reverentes palavras de tão catholicos escriptores, á contemplação religiosa dos nossos leitores.

O quadro tem, no seu composto, na escolha, acção e expressivo das figuras, o horrivel e pavoroso do deicidio que representa!

O Filho de Deus, feito homem, tem apenas alli, junto do patibulo, para lhe recolher o ultimo suspiro, o discipulo amado, sua Santissima Mãe, e as santas mulheres que nunca o desampararam. Esta piedade do sexo feminino inspirou ao eloquente padre Ventura as mais edificantes paginas do seu moderno livro «As mulheres do Evangelho»; e antes d'elle, ao nosso padre Vieira, as arrojadas apostrophes contra os que deixaram a fracas e chorosas mulheres, a palma da victoria em que mais se acrisola e contrastêa o animo varonil.

---

## PHYSICA POPULAR

### I

### OZONE

(Vid. pag. 20)

Desde muitos seculos se tem notado que nas descargas da electricidade atmospherica a que chamâmos raio, se espalha pelo ar um cheiro forte e desagradavel, muito parecido com o do enxofre queimado (que é um acido formado de um de enxofre e dois de oxigenio) e para alguem, com o que exhala o phosphoro.

Van Marum, reparando n'este phenomeno e attribuindo-o á acção da electricidade sobre o oxigenio atmospherico, pretendeu reproduzil-o no laboratorio, e o conseguiu, em 1783 enchendo um tubo muito comprido de oxigenio puro, e fazendo passar atravez d'este muitas faiscas electricas.

Parece que, em 1827, Scoutetten estudou o mesmo ponto, e propoz um meio facil de verificar a presença do agente ignoto no ar atmospherico. Segundo o parecer de uma commissão da academia das sciencias de Paris, composta de tres vogaes, que foram Balard, Boussingault e Becquerel, foi Schoenbein quem, em 1840, recomeçou o estudo do oxigenio electrisado, e lhe deu o nome de *ozone*. Algum tempo depois, este mesmo observador achou e tornou conhecido um processo para se obter o ozone, que consiste em fazer actuar o ar humido sobre o phosphoro á temperatura de 20 a 25 gráos.

A estas primeiras tentativas seguiram-se os estudos de Morignac e de La Rive, que acharam ser o ozone o oxigenio n'um estado particular de actividade chimica, isto é, n'um estado em que póde entrar em combinações, e produzir phenomenos que n'outro estado não póde produzir.

Fremy e Becquerel reconheceram a verdade das opiniões de Morignac e de La Rive, e convenceram-se de que era a electricidade o agente da modificação notavel que o oxigenio, em certas circumstancias, experimenta para se converter em ozone.

Em consequencia da energia chimica que apresenta o corpo de que estamos tratando, chamaram-lhe alguns chimicos *oxigenio activo;* outros denominaram-n'o *oxigenio electrisado;* Becquerel, e mais alguns propozeram que se lhe désse o nome de *oxigenio cheiroso*.

O nome de ozone, que a todos os outros tem prevalecido, e que vem de uma palavra grega, que quer dizer no nosso idioma *ter cheiro*, se não é muito significativo, tem de bom ser curto e facil de pronunciar.

Bussen e Magnus julgaram, estudando o ozone, que em vez de um, existiam dois ozones; um constituido pelo oxigenio no estado allotropico, e outro pela combinação do oxigenio com o hydrogenio.

Schoenbein, repetindo as experiencias de Bussen, rectificou os factos. Effectivamente, ha duas especies de ozone, mas em nenhum d'elles entra o hy-

drogenio (o hydrogenio é um gaz muito importante, que combinado com o oxigenio constitue a agua). Uma das especies do ozone é o oxigenio modificado pela electricidade positiva; a outra especie é o oxigenio modificado pela electricidade negativa.

Se novas experiencias não vierem contradizer as asserções de Schoenbein; se na realidade existirem dois estados allotropicos do oxigenio, provenientes da acção das duas electricidades, poder-se-hão explicar muitos phenomenos naturaes, cujas causas mal se entendiam. A quantidade do ozone na atmosphera parece variar muito com os differentes estados electricos da mesma atmosphera. Ás vezes parece não existir alli; comtudo alguem affirma que a sua formação é incessante junto das arvores, das habitações, e das montanhas.

Para reconhecer a sua presença e apreciar a sua quantidade, não tem ainda os observadores meio que plenamente satisfaça o espirito. Os que se usam mais são os papeis ozonometricos.

Os papeis ozonometricos preparam-se, tomando papel sem colla, e mergulhando-o por um certo espaço de tempo em agua distillada, contendo porções determinadas de iodureto de potassio (corpo formado de iode e potassio) e de amido, substancia que todos conhecem pelo nome vulgarissimo de pós de gomma. Quando o papel está bem ensopado, tira-se, estende-se sobre laminas de vidro bem lizas, e põe-se a seccar em sitio sombrio, e onde não haja corrente de ar. Feito isto, corta-se em tiras de dez centimetros de comprimento e de um centimetro de largura.

Para fazer as observações ozonometricas, toma-se uma tira do papel, e suspende-se n'um logar ventilado onde não dê o sol, nem penetre a chuva, longe de estabulos, cavallariças, montureiras, ou de quaesquer substancias em putrefacção. De doze em doze horas suspende-se uma tira nova, e observa-se a alteração da côr que apresenta a que foi substituida.

Vejamos agora como é que o ozone altera a côr do papel ozonometrico, e como se avalia e representa aquella alteração.

O papel, cuja preparação fica explicada, contém amido e iodureto de potassio; o ozone actua sobre o potassio, que estava unido ao iode, separa-o d'este e converte-o n'um corpo novo, chamado *potassa*.

Então o iode, libertado da combinação em que se achava com o metal, actua sobre o amido e fórma com elle um novo composto, *iodureto d'amido*, dotado de uma côr azul caracteristica, mas que se mostra com gradações numerosas, conforme a quantidade do iode que entra na combinação.

Para bem se apreciar a gradação da côr e indicar de um modo intelligivel, usa-se de uma escala chromatica, feita com porções determinadas de iode, para ponto de comparação da côr da tira.

As escalas mais em voga são as de Schoenbein, e de Bezigny.

A de Schoenbein consta de dez tiras pintadas desde o branco até ao azul intenso. O branco é o zero; as outras gradações até ao azul forte são designadas cada uma por um numero.

A escala de Bezigny consta de vinte e uma listas coradas d'azul violaceo; a branca é o zero. Cada lista é designada por um numero inteiro.

Quando se faz a observação ozonometrica, molha-se o papel em agua distillada, e em seguida faz-se correr ao longo da escala até se encontrar uma tira, cuja côr combine exactamente com a do papel; ou então duas tiras de cujas côres seja cambiante a do papel. No primeiro caso indica-se a côr do papel por um numero inteiro, que é o indice da lista correspondente da escala chromatica; no segundo caso, indica-se a côr do papel por um numero inteiro e uma fracção. O numero inteiro indica a côr mais fraca correspondente da escala; a decimal exprime aproximadamente a relação que ha entre a côr do papel e a immediata mais forte da escala.

É escusado dizer que quanto mais ozone existir na atmosphera, tanto mais potassio se oxida; e que quanto mais potassa se formar, tanto mais o iode livre córa o amido.

Concluiremos este artigo dizendo, que o fim que os medicos e os meteorologistas tem tido em vista conseguir, estudando o ozone, é verificar até que ponto a sua presença na atmosphera influe na saude dos entes organisados, principalmente na do homem, e dos outros animaes de que o homem se serve mais ordinariamente.

Em um dos proximos numeros d'este semanario, trataremos da influencia do ar na salubridade dos povos, e então exporemos o que até ao presente se tem escripto ácerca do ozone, como agente cosmico.

SOUSA TELLES JUNIOR

---

## ANTIGUIDADES NACIONAES

### APRESTOS QUE EL-REI D. SEBASTIÃO MANDOU FAZER A FLANDRES E ALLEMANHA PARA A JORNADA DE AFRICA

A tomada de Tetuão, no imperio de Marrocos, pelas tropas aguerridas dos nossos convisinhos e amigos hespanhoes, tem suscitado a lembrança das nossas gloriosas façanhas em Africa, nos seculos passados.

A este proposito publicâmos hoje uma memoria inedita dos aprestos que el-rei D. Sebastião mandou fazer fóra do reino, para a fatal jornada de Alcacerquibir.

Não obstante ter o erudito Diogo Barbosa Machado compillado em 4 vol. de fol. todas as memorias que póde haver tocantes ao reinado de D. Sebastião, e haver uma chronica d'esse rei, escripta pelo capellão-mór da armada que transportou o exercito portuguez a Africa, fr. Bernardo da Cruz, publicada e annotada pelo sr. A. Herculano, não conferem estes dois auctores entre si, nem com o nosso ms.

Fr. Bernardo da Cruz, que assistiu a toda a faina do alistamento de gente e aprestos necessarios para a conquista intentada por D. Sebastião, diz que el-rei impetrára do summo pontifice Gregorio XIII, a bulla da cruzada, com o que tirou grande copia de dinheiro; e mais impetrára do papa as terças das egrejas, o qual subsidio, *como era muito pesado e escandaloso*, fez el-rei composição com a egreja, que voluntariamente lhe dera cincoenta mil cruzados; que além d'isto, tomára el-rei o trato do sal, e juntamente houve pedidos lançados pelos povos e mercadores; que aos prelados e outros seculares ricos, mandára pedir dinheiro emprestado, com as quaes coisas e outras d'esta maneira, boas diligencias de arrecadar *e empenhar as rendas do reino e contratos*, se juntou grande quantidade de dinheiro, com que el-rei mandou logo fazer grandes provimentos e munições, etc. Que toda a gente fidalga e honrada se provêra á sua custa de todo o necessario, muitos vendendo peças, propriedades, e empenhando rendas e morgados, com muito gosto de o servirem e acompanharem. Que mandára Sebastião da Costa, seu escrivão da fazenda, a Allemanha, buscar tres mil tedescos, e em Castella tocar caixa, onde se fizeram dois mil soldados. Que com esta gente e a do reino, fizera o numero de 14,000 infantes, 1,500

de cavallo, assim acobertados como ligeiros, afóra 1,500 gastadores e outra gente de serviço, o que tudo fazia o total de 25,000 homens. Que a estes juntára as tropas de guarnição das praças que tinhamos na Africa.

A nossa memoria, que é do tempo de Filippe II, não inculca que houvesse tantos meios, porque ahi se diz que fôra um commissario a Flandres levantar dinheiro sobre o estanco do sal.

Tambem é curiosa a coincidencia de que uma das peças de artilheria, que os hespanhoes tomaram aos marroquinos em Tetuão, deve ser alguma das seis que menciona esta memoria, mandadas fundir a Flandres para a jornada de Africa.

Posto que julguemos errada a copia da inscripção que os jornaes hespanhoes dizem ter essa peça, que é de bronze, o ser fundida em Mechlen, nome que os flamengos davam á antiga cidade de Flandres, que hoje pertence á Belgica, com o nome de Malines, e ter as armas e nome del-rei D. Sebastião, denota que é alguma d'estas seis.

Consta-nos que o governo de Hespanha quer fazer a gentileza de presentear el-rei de Portugal com esta peça. Em quanto ella não chega, tratâmos de obter um desenho, para a dar gravada aos nossos leitores.

Agora leia-se a memoria a que nos temos referido.

«Mandou el-rei D. Nun'alvares Pereira a Flandres aprestar coisas necessarias para a jornada de Africa, e lhe deu um poder amplo e bastante, para tomar a cambio quatrocentos mil cruzados, a razão de oito por cento; e consignar os pagamentos na pimenta e drogas da India, na fórma que bem lhe parecesse; e assim lhe deu poder de rescindir o contrato que el-rei tinha feito com Conrado Noel, e Natanel Icong, de noventa e cinco mil quintaes de pimenta, por tres annos, dando elle seu consentimento a este destracto, e dal-o para contratar com quaesquer outras pessoas que bem lhe parecesse, isto por carta sua feita em latim na cidade de Lisboa a 11 de dezembro de 1577.

Mandou-lhe el-rei que intentasse fazer em Allemanha contrato sobre uma grande copia de trigo bom, e em bom preço, encommendando-lhe dois mil quintaes de polvora, mil de bombarda, e mil de arcabuz; copia de salitre, quinhentos mosquetes, um par de mestres de artilheria, que quizessem viver em Portugal, catholicos. Que tratasse com Natanel, correspondente de Conrado, sobre fazer alistar 60 bombardeiros destros na campanha, de que se podessem fazer condestaveis; que se assentasse o modo mais accommodado de haver mestres, breu, e tambem o que seria bom fazer no contrato do sal, por instrucção del-rei feita em Lisboa a 21 de fevereiro de 1578.

O que se mandou vir de Flandres e Allemanha para a jornada d'Africa, foi:

3,000 quintaes de toucinho,
1,500 de chacina e lacões,
3,000 quintaes de queijo,
3,000 quintaes de farinha,
600 barricas de trigo,
6 peças de artilheria de campo com seus reparos,
6 peças desencavalgadas para cá se juntarem,
2,000 pelouros de ferro coado para estas peças,
80 rodas de reparos forrados de sua ferragem, fóra reparos de artilheria, conforme os de cima,
40 eixos para estas rodas,
60 falcas grandes de reparos,
3 vaivens de madeira com suas argolas de ferro e cadeias,
2 vaivens mais pequenos com suas argolas e cadeias de ferro,
4 artilheiros de campo,
60 bombardeiros allemães,
300 mosquetes grandes, todos de um pelouro,
4,000 arcabuzes de Noremberga, todos de uma menção e pelouro,
120,000 morrões de arcabuz,
2,500 quintaes de polvora de bombarda e arcabuz,
1,200 quintaes de enxarcia de todas as sortes,
1,000 lanternas,
300 quintaes de candeias de sebo em caixões,
100 quintaes de sebo em quartos,
100 quintaes de cera,
2,000 baldes de couro,
400 cantaros de cobre,
1,000 caldeirões de tirar agua de poços, de cobre,
1,000 de folha de lata sorteados, entre grandes e pequenos,
1,000 gamellas de pau pequenas,
20,000 escudelas de pau,
24 balanças com seus pesos, para se dar regra ao mantimento,
12 balanças para se pesar polvora e chumbo aos soldados,
4,000 sapatos de couro, de differentes medidas, para gente grande,
8,000 morrões alcatroados para alumiar de noite como tocha,
3,000 barris de breu,
150 barris de alcatrão,
40 quintaes de enxofre,
5,000 saccos de canhamaço de 6 e 7 alqueires,
8 escadas grandes quebradiças, com sua ferragem,
20,000 varas de canhamaço,
500 lonas para tendas,
4 engenhos para levantar artilheria, com dez de trazer em Allemanha os carros de conductas, guarnecidos com suas cadeias.

Depois mandou el-rei vir mais 2,000 arcabuzes e mais 1,000 morrões.

Foram na armada com el-rei perto de mil velas, e só por lista dos armazens se proveram 750.»

---

## AS MAIORES ARVORES DO MUNDO

O castanheiro dos cem cavallos
O platano de Godfredo de Bulhão — O cedro de Washington
Os cedros do Libano
As gommiferas dos pantanos de Van-Diemen
A figueira de Tonga-Tabou — As algas de Anna-Maria
O carvalho de Penafiel

Vinde commigo, leitor, que vou mostrar-vos as baleias e os elephantes do reino vegetal.

Os gigantes e os pygmeus despertam-nos mais interesse do que as estaturas mediocres. Não ha nada mais natural. As grandezas medianas são coisas ordinarias, e tudo o que sáe d'esta orbita excita a nossa attenção pela similhança com o maravilhoso, cuja idéa nos attrahe e lisonjeia, que nos enthusiasma e nos distrahe de certo aborrimento que sentimos, contemplando o panorama da vida, na instinctiva esperança em que estamos de maravilhas futuras, a mais extraordinaria das quaes, e ao mesmo tempo as mais desviadas da natureza presente, são como as prophecias.

Ora, para vos mostrar estas arvores gigantes, é mister que façamos juntos uma longa viagem, maior do que á volta do mundo; porém, como é de imaginação que vamos dar este passeio, não penseis em seguir-me. Franquear os mares, percorrer as ilhas, galgar as montanhas, voar de um a outro polo, são para o espirito recreios mais faceis, do que para os nossos membros os movimentos naturaes. Que differença de força entre a alma e o corpo! E ha quem acredite só n'este ultimo?

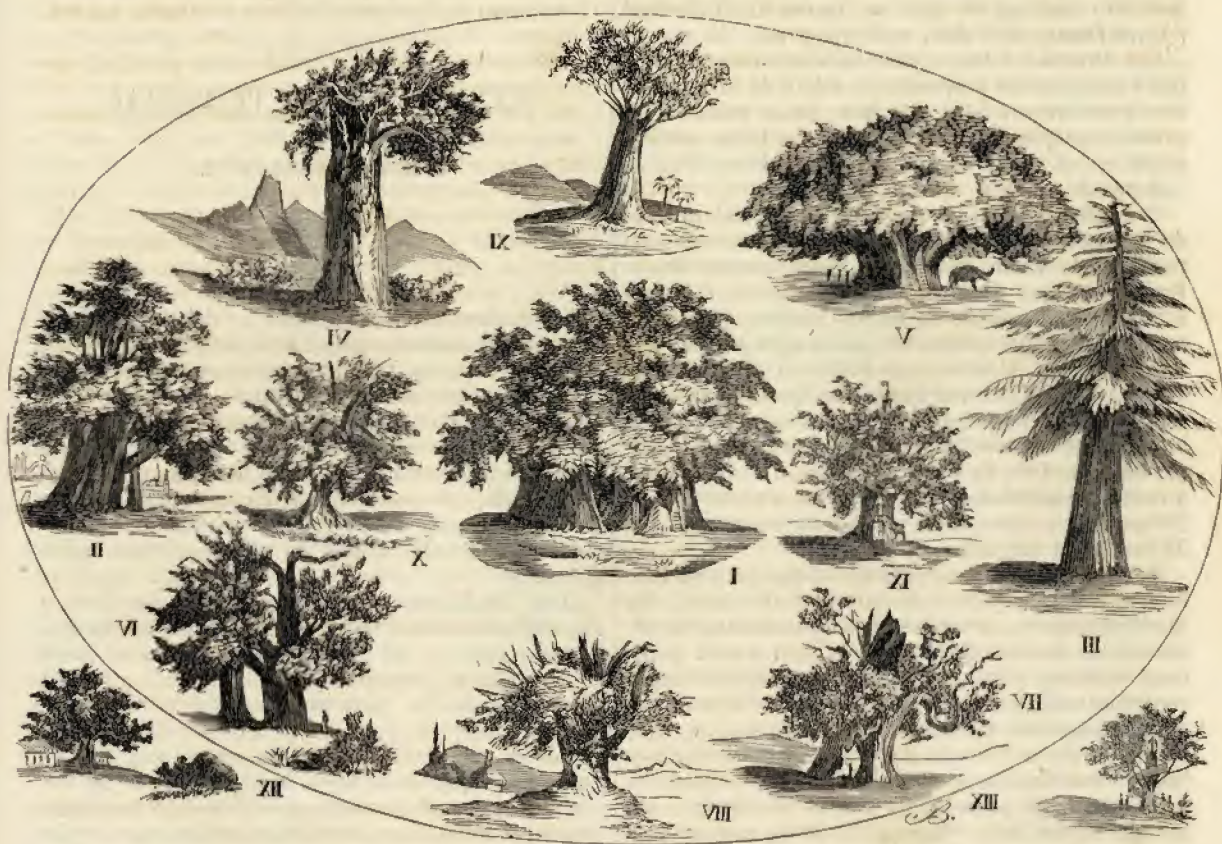
As nossas almas, pois, unidas farão a mesma viagem. Uma observará o que a outra apontar. Compete-me a ultima parte.

I

Partimos de Lisboa para a Italia, e já estamos na Sicilia, ao pé do seu volcão.

Vêdes esta arvore immensa? É a maior que existe na terra. A Europa, n'este genero de phenomenos, vãe adiante de todas as outras partes do mundo. É um castanheiro, o castanheiro do Etna, conhecido pelo nome de castanheiro dos *cem cavallos*. A figura I, que o representa na gravura, é copia abbreviada de um desenho que se encontra na *Viagem pittoresca á Sicilia* em 1784. Mais de meio seculo acrescentado á sua longa existencia, depois que este desenho se tirou, roubou-lhe alguma da antiga belleza, porque está na ultima edade, na edade da decadencia; mas ainda não deixou de ser magnifico. Tomemos-lhe a medida, que vale a pena.

Cento e cincoenta e dois pés de circunferencia do tronco, á altura do homem! Mais de cincoenta metros! Se formarmos uma cadeia para o abraçar, só chegaremos a fechal-a estendendo os braços e dando-se as mãos, trinta homens; o trigesimo unicamente conseguirá chegar-se ao primeiro. Não é, portanto, de admirar que seja a maior arvore da terra.

A extensão dos ramos e da folhagem está em proporção. O fumo do Etna não o tem molestado! Mas os habitantes não lhe conservam o respeito devido a similhante velhice. Ahi vão muitas vezes prover-se de lenha; e, a pouco e pouco, tem-lhe feito uma abertura, e n'esta um refugio em fórma de cabana, que lhes serve de estalagem durante o tempo da colheita da castanha; porque o famoso castanheiro

As maiores arvores do mundo

nunca deixa de cobrir-se de folhas na primavera, de flores no verão, e de fructos no outono.

Dois carros passarão, de frente, pela cavidade ou postigo que o vandalismo lhe tem aberto!

D'onde lhe vem o cognome popular? Certo dia, a rainha Joanna de Aragão visitou o Etna com cem cavalleiros. Uma tempestade veiu assaltar os viajantes. Descobrem o magestoso castanheiro; para ahi correm; e os cem cavalleiros, em volta da rainha, acham facilmente um abrigo durante a tempestade, elles e os seus corseis. Desde esse dia, o povo chamou ao castanheiro a arvore dos *cem cavallos*.

É possivel que tal gigante seja realmente um só individuo? Não será antes uma familia, cujos membros tenham posto em commum a vida, a seiva, e a casca? As opiniões dividem-se; Bridaine refere que tendo-o examinado no proprio paiz, em 1770, recolheu uma tradição que dizia fôra sempre arvore unica, mantendo a cortiça sã e contínua na sua juventude. O conego Rempero, naturalista italiano, sustenta que nasceu de uma só raiz, e Homel é do mesmo parecer. Porém hoje acredita-se que este enorme tronco é resultado da successão de cinco arvores originalmente distinctas. É esta a opinião de M. Charles Martin, que o examinou; e alguns tambem pretendem distinguir-lhe vestigios de um d'esses troncos originarios, que teria, separado, trinta e cinco pés de circunferencia.

O phenomeno explica-se melhor por esta ultima hypothese; e talvez seja a verdadeira causa da opinião dos viajantes modernos.

Um derradeiro olhar para a maior entre as maiores arvores que se tem visto, e partamos!

II

Tomemos o vôo sobre o Mediterraneo, e, franqueando a ilha de Malta, esse ramalhete de palmei-

ras, laranjaes, algodoeiros, alfarrobeiras, e mil flores que são entre nós de estufa; saltando tambem por cima de Cerigo, a antiga Cythera, privada de suas selvas desde que Venus foi d'alli desthronada, vamos bater na margem do Bosphoro, perto de Constantinopla, a mais bella das cidades, dizem, por sua posição, na pequena aldeia de Buygdéré.

Notae este platano. Differe consideravelmente dos nossos pela espessura da folhagem, riqueza e direcção vertical dos seus ramos. Com effeito não temos senão o platano do Occidente; e aquelle pertence á variedade do platano oriental, que é bem mais formoso, brilha no seio da sua familia pelas suas gigantes proporções. Chamam-lhe o platano de *Godfredo*, porque, a crermos na tradição, os seus primeiros annos foram passados no tempo d'este heroe.

Admirae-lhe a altura e a immensa ramagem, que a figura II imperfeitamente representa. Da terra ao cimo da copa contam-se 60 metros (180 pés); menos oito metros do que as torres da cathedral *(Notre-Dame)* de Paris, cujo ápice está 68 metros acima do adro. Admirae-lhe tambem o comprimento dos ramos; a sua projecção no solo é de 112 metros de circunferencia, de sorte que, se os raios do sol caíssem perpendicularmente, ou em linha vertical sobre a sua copa, daria uma chapa de sombra de 336 pés de circuito. Que magestade!

O tronco está na proporção d'esta grandeza. Mede, no total, 39 metros. Não é tamanho como o castanheiro do Etna; mas ainda assim é maravilhoso. Faremos ácerca d'este a mesma pergunta: o tronco é unico, ou é juncção de muitos irmãos, cuja vegetação se poz em commum? Eis a opinião que tem voga. M. Ch. Martin, que o visitou ultimamente, achou vestigios de nove individuos que deveriam estar separados na infancia. Entre estes nove troncos ha dois que estão a léste e medem, a um metro acima do solo, $10^m$, 8; outro só por si, é de $5^m$, 40; e, a oeste, descobrem-se seis formando uma ellypse de 23 metros, o que prefaz a circunferencia total dos 39 metros já indicados.

Tem uma cavidade aberta pelo fogo, na qual fizeram cavallariça para dois cavallos! Os turcos não são destruidores; respeitam tudo quanto existia antes d'elles no solo que os viu nascer; a esta qualidade se deve, pois, encontrarmos no oriente tanta recordação antiga; mas se não se dão ao trabalho de destruir, tambem não tratam de vigiar, reparar, nem luctar contra os estragos do tempo; é a incuria absoluta, a indifferença completa. Os turcos respeitam mais este bello platano, do que os sicilianos o seu grande castanheiro; porém, de certo, não terão o menor cuidado para o preservar de qualquer damno de que não sejam motores; é por isso que elles tem deixado que os vagabundos se estabeleçam ao pé do platano de Godfredo, e ahi accendam fogueiras. Estas fogueiras tem queimado, pouco a pouco, o tronco até ao ponto de lhe abrir esta caverna, que serve algumas vezes para abrigar duas cavalgaduras.

O formoso platano do Bosphoro tambem está na declinação de vida; ha annos que alguns ramos estão mortos, e se vêem sêccos no meio da sua opulenta verdura. A nossa resumida gravura representa muitos d'elles.

Ao despedirmo-nos do platano, desejemos-lhe longa e feliz velhice.

III

Do Bosphoro de Constantinopla conduzo-vos á California, mas não singrando pelo canal de Suez, e mar Vermelho, visto que o isthmo de Suez ainda se não perfurou; nem voltando pelo estreito de Gibraltar, para atravessar o oceano Atlantico, o mar das Antilhas e o canal de Panamá, porque este segundo isthmo, como o primeiro, ainda tambem se não abriu; mas simplesmente trespassando a Ásia, e em seguida o Grande-Oceano, com vôo de passaro, ou, antes, com o vôo da imaginação.

Vêde estes cedros ao pé dos quaes os do Libano são filhinhos apenas. Estamos na extremidade do condado de Calaveros, mui perto dos logares de Morphy, que formam uma floresta composta de noventa e dois gigantes. Cobrem estes com seus braços 60 hectares, e elevam-se, direitos como columnas, á altura media de 100 metros. Cada um d'elles não tem menos de 10 metros de diametro, o que prefaz 30 metros de circunferencia. Estão cercados de pinheiros e cyprestes de 200 pés de altura, especies de guardas, aos quaes ficam sobranceiros uns 100 pés seguramente.

Menos grossos do que o castanheiro e o platano, de que já fallámos, apresentam, na altura, uma differença que lhes dá a conformidade dos anões.

(Continúa)

---

## SCENAS DA GUERRA PENINSULAR

(Vid. pag. 26)

### A MENINA DE VAL-DE-MIL

I

ESBOÇOS

Era homem de bons tempos o fidalgo de Val-de-mil, mais conhecido pelo titulo de capitão-mór de Murça de Panoya, ignorante como um morgado sertanejo, honrado como um legitimo cavalheiro. Passára elle já metade da vida entre as suas fragas transmontanas, cultivando as quintas, administrando o morgado, sem a mais leve idéa das voltas que tinha dado, ou podia vir a dar o mundo. Com o cordão sanitario d'este commercio patriarchal havia-se conservado intacto na stirpe o velho molde portuguez.

O sr. capitão-mór era o primeiro da sua terra e das aldeias convisinhas, e bastava-lhe ás ambições. Quando passava na villa todos os bustos se inclinavam; quando transitava na estrada todas as frontes se descobriam. Esta unanimidade de acatamentos em torno de uma superioridade incontestada havia-lhe assoprado ao cerebro uns fumos de vaidade, mais que innocentes, bemfazejos, por lhe encherem os grandes vasios, que sem este providencial supprimento inevitavelmente se lhe espraiariam n'aquellas regiões. Deus, que tudo faz pelo melhor, compensára-lhe d'este modo a elaboração da intelligencia com um pensamento unico, mas obstinado, mas inflexivel, mas justo á medida do craneo em que se incrustára. A cabeça do fidalgo de Val-de-mil era por dentro, como por fóra, uma coisa magestosa, inteiriça, massuda, e entretanto veneravel. Dissera-se que o interior e o exterior do antigo solar se reflectia e epilogava na pessoa do seu representante. Havia uma secreta analogia entre o homem e o palacio quadrangular e torreado, que solidamente pousava a meia encosta, entre a ribeira e a serra, cercado de bastos castanhaes, dominando a humilde casaria da povoação visinha como um senhor entre servos. Conhecia-se para logo que o mesmo cimento encorporára no solo aspero aquellas pedras que desafiavam as tempestades e os seculos, e betumára na comprehensão ferrenha de seu dono tradições não menos resistentes.

Ha entendimentos que são como vastas albergarias: n'estes as idéas, como viajeiros, entram, descançam, ataviam-se, sáem, proseguem, volvem,

alternam-se n'um giro continuado, n'um perpetuo movimento, sem que falte a cada uma logar em que se accommode, conforto com que se restaure, carinho que a festeje, mimo de que se regale.

Ha da mesma fórma bestuntos, que são como os paços acastellados de outras eras: n'estes, amplos desertos, feitos para outra raça, vivem como familia tres ou quatro dictames, a bem dizer instinctos, raramente mais, muitas vezes menos, que se enfadam na solidão saciados de espaço e de silencio, mas que ninguem d'alli póde expulsar, porque estão em casa sua por direito herdado, e exercem n'ella o senhorio do costume e a auctoridade da crença.

N'este caso estava o fidalgo de Val-de-mil. Por fortuna as opiniões, pouco numerosas, mas absolutas, que lhe faziam as vezes de toda a actividade mental, pelo lado da stricta moralidade, eram irreprehensiveis.

Estas opiniões resenham-se em poucas palavras. O fidalgo acreditava sinceramente que, nas cathegorias mundanas, acima da qualificação de capitão-mór não havia senão a de rei; suppunha ter esgotado a sciencia humana estudando o amanho dos seus soutos, e relendo a sua arvore de geração, ainda mais antiga do que elles; tinha, em fim, como artigo de fé, que Portugal era o primeiro reino do mundo, e a sua terra a primeira do reino.

Mas fossem lá bulir-lhe em pontos de timbre e pundonor! Ahi professava mais do que opinião: inspirava-o um sentimento bebido com o leite, e legado com o exemplo. A pratica do dever não era n'elle effeito de calculo; vinha-lhe do coração. O pó das gerações, adormecidas ao lado, segredava-lhe n'uma voz que o seu espirito entendia, e a que obedecia sem reflectir. Haviam-lhe no berço começado estas lições de campa, e já não podia aprender outras. Para dizer tudo n'uma palavra — era fanatico das suas fidalguias, mas a nobreza representava no seu conceito o fatalismo da honra.

Com estes diversos predicados, o sr. capitão-mór, fóra da sua jurisdicção, seria um ente completamente ridiculo, mas summamente respeitavel.

Lá ninguem lhe disputava a primazia. E eram mais do que attenções pelo cargo; era uma homenagem natural e hereditaria. Toda a comarca reconhecia no fidalgo de Val-de-mil a principal notabilidade do paiz, como se diz hoje. O solar que lhe dera o appellido á familia, tinha por verdadeiro nome Soalhães; mas a designação de Val-de-mil prevalecêra no uso, por ser a do logar visinho á quinta da residencia, logar exclusivamente povoado de colonos e dependentes seus. Os paes e avós de toda aquella gente tinham conhecido e tratado o avô e o pae do morgado. O respeito para com este era uma coisa transmittida com a educação. A consciencia da sua supremacia era tão sincera no fidalgo, como nos mais a veneração sem abatimento. Nem uns nem outros haviam nunca saido do limitado circulo em que placidamente lhes discorrêra a vida com todas as suas alternativas e paixões. O palacio e a quinta de Val-de-mil tinham a consagração das tradições locaes. Sem contrariedade participava o seu possuidor d'esta reverencia ingenita, que nem procedia de potestade excessiva por uma parte, nem de forçada subserviencia pela outra, antes se tornára uma condição das benevolas relações que entre ambas se haviam conservado de tempos immemoriaes. O morgado e a casa de Val-de-mil, que tudo fazia um, era o celleiro dos pobres, o remedio dos necessitados, a providencia nos desastres, o arbitro nas contendas, o esforço nas calamidades. As suas riquezas não faziam sombra, porque todos quinhoavam d'ellas. A sua auctoridade não pesava, porque mais significava protectorado paternal do que dominação imperiosa. Os fidalgos de Soalhães, costumados a viver sempre no meio d'aquelles homens rudes, e pouco menos rudes do que elles, temperavam a sua prosapia nobiliaria com certa affabilidade cordial, em perfeita correspondencia com a submissão que os lisonjeava. A continuidade de trato, e a communidade da vida e profissão, limavam as asperezas que n'outras circunstancias poderiam derivar das differenças de jerarchia. Não havia, porém, distancia offensiva onde esta só se media pelos graus da patrocinação benefica, não pelos graus do desdem irritante, como tão frequentemente succede, no meio dos actuaes progressos, com muitos enfatuados, que as cegueiras da fortuna desempoaram, sabe Deus muitas vezes por que modo.

De tudo isto resultava, que não era raro encontrar no campo o sr. capitão-mór conversando muito á mão com o mais somenos lavrador.

Quanto ao physico, era elle um homem corpulento, refeito, raras brancas, pescoço taurino, e um rosto severo, cheio de magestade viril. Nos seus dias de feição, accusava-se de ter já os seus cincoenta contados, coisa que fazia sempre sorrir o padre capellão, confidente da certidão de edade, como encarregado do cartorio da familia. Sem embargo de alguma leve fraude nas datas, cavalleiro como um centauro, e caçador como Nemrod. O pulso rijo como a cabeça; franco de modos como de coração; limpo nas palavras como na consciencia. Uma têmpera que parecia ter ficado esquecida de algum dos heroes d'Aljubarrota.

N'aquellas terras, de tanta nomeada em primores de equitação, ninguem lhe levava a palma á gineta e á brida; era ainda o primeiro á barra, e passava por ser em todos os exercicios egualmente destro, infatigavel e intrepido.

Quando lhe iam pagar os rendeiros — com quem era tão rigido nas contas, como generoso nos apuros — se por acaso lhe levavam alguma peça, divertia-se em fazer d'ella um chapeo de tres bicos, operação que executava com summa pericia e facilidade, recurvando o pollegar, o indicador, e o annular.

Deve-se dizer, em honra da verdade, que a fama d'estas innocentes distracções contribuia tambem seu tanto para a deferencia universal que manifestavam ao fidalgo. A força physica inspira sempre veneração e respeito nos povos que se aproximam do estado primitivo.

O morgado era viuvo. Tres annos apenas fôra casado. Morrêra-lhe sua mulher na flor da vida, dando á luz uma filha. Sentindo profundamente o golpe, supportára-o como homem e como christão. Cravára-lhe no peito aquella perda o espinho de uma dor aguda, mas sem ostentações, e por isso mais sincera e duradora. Não lhe faltaram depois instancias dos seus, e sollicitações de todo o genero para casar segunda vez. Resistiu a tudo. Não estavam ainda em moda os necrologios que dão ares de cartaz.

Em quanto a filha foi pequenina, desvelou-se com ella como poderia fazel-o a mãe que lhe faltára. Era uma coisa inexplicavelmente pathetica ver aquelle hercules, então na força da edade, encerrar-se noites e noites na camara da criancinha a embalar-lhe o choro com inalteravel mansidão, a conchegal-a e amimal-a com obstinada paciencia, a aflautar a voz agreste, costumada a vibrar nas serras, para a acalentar com maviosas toadas, sem confiar a ninguem estes cuidados de ama sêcca.

Ignez se chamava a innocente, como sua avó paterna. Aos cinco annos era um diabrete esperto e traquinas, com quem nada parava em casa. Aos nove, montava um garrano e galopava entre os fra-

guedos, rindo dos sustos que a seguiam. Aos dezoito era uma donzella de muito recato e compostura, que ao pôr do sol, passeiando á grande sombra das sobreiras hereditarias, scismava sem fito, suspirava sem motivo, córava e desmaiava sem ter de que, e concluia por se lhe arrazarem os olhos de lagrimas sem causa.

Vão lá saber o que se passa no coração das donzellas d'esta edade!

O pae estremecia-a com um amor que sabia unir á grave austeridade dos seus tempos. Guiára-lhe elle mesmo a educação, tão esmerada quanto o podia ser em taes condições. Não lhe haviam faltado aias nem mestras para as prendas feminis, e o padre capellão, debaixo das vistas paternas, completára-lhe uma instrucção, que não faria provavelmente grande figura na corte, mas que para alli era verdadeiramente excepcional.

Maravilhava o instincto do coração com que o fidalgo boçal supprira os requintes do espirito.

O padre capellão ouvíra no Populo, em Braga, as lições dos eremitas de Santo Agostinho, e era o oraculo das immediações. Como tivesse parochiado algum tempo na egreja de Santa Marinha de Valdozende, no impedimento do abbade, tinham-lhe conservado o titulo com o costume, mesmo depois de cessar as funcções, e assim o denominavam por toda a parte. O proprio morgado, bem que rigoroso na observancia das pragmaticas, nunca o tratava de outro modo; ficava bem á sua casa o ter um capellão abbade, ainda que fosse por concessão consuetudinaria.

O reverendo abbade, já que assim lhe chamavam, em boa verdade era mais caçador do que theologo, apesar das lições do Populo. Póde até suspeitar-se que, originariamente, acima de qualquer outra, influíra esta aptidão na sua admissão em casa do morgado, onde achára melhor abbadia do que a de Valdozende. As suas lettras, porém, com serem limitadas, ainda assim o avantajavam singularmente. Era elle o unico, um par de legoas em redondo, que lia alguma coisa mais do que o breviario.

Ignez ganhou com o abbade uma lettra soffrivel, a orthographia menos escabrosa d'aquelles contornos, e uns longes de geographia.

A menina de Val-de-mil, como commummente a cognominavam, ou «a senhora morgada» como a tratavam em casa, era tida pelos visinhos na conta de um anjo, e pelos estranhos considerada um portento.

Formosa era ella, isso sim, formosa devéras, formosa sem artificio, d'aquella formosura entre rustica e senhoril, que leva os olhos e enleia os sentidos.

O pae, vendo tão bem viçada e medrada aquella flor das montanhas, que por suas mãos creára, tinha orgulho por si, e ainda mais por ella.

Era para ver com que ar de satisfação, e ao mesmo tempo de sollicitude, lhe dizia todas as noites á benção da despedida:

— Deus te crie para bem, filha!

MENDES LEAL JUNIOR

---

Zombar dos bons conselhos é dispor para as ruinas.

*

O nome de Maria significa mar amargoso; mas não deixa por isso de ser doçura nossa, como a invocâmos. *Padre Antonio Vieira*

*

O vigor da virtude, porque mora na alma, não envelhece com o corpo. *D. Francisco Manoel de Mello*

## ESTUDOS DA LINGUA MATERNA

Os gallicismos que de necessidade havemos de receber no peculio da nossa lingua, para exprimirmos idéas e coisas novas, devem perder essa designação, que é odiosa pelo mal que tem causado ao nosso idioma, e tomar a denominação generica de neologismos.

Mas aquelles que em vez de nos opulentar e aclarar a linguagem, a esterilisam, remendam e obscurecem, devem conservar essa nota, para os evitarmos, para os reprehendermos nos escriptos alheios, e expungirmol-os dos nossos.

Um d'estes é tomar o verbo soffrer como synonymo de padecer, fallando-se de pessoas.

Padecer é sentir alguma enfermidade, dor, fome, trabalhos, necessidade, incommodo, desgosto, damno, desar, em fim, qualquer mal physico ou moral. Soffrer é supportar todos estes males com paciencia, resignação, animo, cara alegre, sem queixumes ou gemidos.

De sorte que ha padecer sem soffrer, mas não póde haver soffrimento sem padecimento.

Quando dizemos, fulano soffre do peito, asseverâmos uma coisa que talvez ignorâmos, ou que não seja verdade, porque elle póde padecer do peito, mas não ter soffrimento, não soffrer resignadamente essa doença. Por isso devemos dizer, para não errar — padece do peito.

«A caridade é paciente e soffrida nas tribulações» — disse João Franco Barreto.

O padre Vieira, que é texto desenganado, diz, fallando das affrontas que os phariseus fizeram a Christo: «Faltava-lhe este complemento de inteira paciencia, que era *soffrer padecendo* immenso.»

E mais familiarmente, a doutrina christã mandanos soffrer com paciencia as fraquezas do nosso proximo, isto é, os damnos, incommodos ou privações que por elle padecermos, e não, soffrermos.

Quando o verbo soffrer se emprega em accepção translata ou figurada, então se usa muitas vezes sem perigo de gallicismo.

---

ENIGMA

Lisboa — Typographia de Castro & Irmão — Rua da Boa-Vista — Palacio do Conde de Sampaio.